

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Instituto de Artes/Departamento de Artes Visuais  
Bacharelado em Artes Visuais

Trabalho de Conclusão de Curso

**SOFT TO BE STRONG**  
**Um olhar distinto sobre estereótipos da mulher negra**

Paula Soares Fernandes

Porto Alegre, 2019

Paula Soares Fernandes

**SOFT TO BE STRONG**

Um olhar distinto sobre estereótipos da mulher negra

Trabalho de conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS, como requisito para obtenção de título de Bacharelado em Artes Visuais.

**Orientadora:**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jéssica Araújo Becker

**Banca Examinadora:**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Laura Gomes de Castilhos

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nara Amélia Melo da Silva

Porto Alegre, 17 de dezembro de 2019

## **Agradecimentos**

Agradeço à professora Jéssica Becker por ter aceitado meu convite para ser minha orientadora apesar de nunca termos nos encontrado anteriormente. Agradeço à sua paciência e dedicação para me ajudar a colocar em prática um projeto que me é tão especial. À minha mãe que nunca mediu esforços para me ajudar no que eu precisei e seus carinhosos comentários sobre meu progresso durante toda a graduação em Artes. À minha tia e suas sugestões do que eu poderia melhorar e disposição para debater sobre arte mesmo quando estava ocupada. Agradeço à todas as mulheres de minha família pelo exemplo de força e superação que me inspiraram, e continuam inspirando, a seguir em frente e lutar pelo que acredito. Ao Parlamento, esse grupo de amigos que me fez rir em momentos de ansiedade e sempre acreditaram em mim quando eu mesma não o fazia. Agradecimento especial à Pri, que mesmo morando em outro continente, teve paciência com a minha demora em responder suas mensagens e esteve sempre pronta para me ouvir quando eu precisava. À Gabs com seus comentários engraçadinhos e disposição para me ouvir falar sobre certa banda em demasia porque sabia que era o que me acalmava. Agradeço às professoras Laura e Nara que gentilmente aceitaram meu convite para fazerem parte da banca e cujas sugestões foram de grande valia para este trabalho e para os próximos. E por fim, agradeço à todas as mulheres que fizeram parte de minha vida, mesmo que por um breve momento e me inspiraram de alguma forma.

## Resumo

O presente trabalho apresenta um conjunto de ilustrações em aquarelas sobre mulheres negras. Ele busca introduzir o debate sobre como os estereótipos reservados a elas são utilizados e podem ser nocivos. Ao invés de trazer representações que tendem a reforçá-los, é mostrada uma personalidade pouco empregada na representação da mulher negra, tais como a delicadeza, a calma e a compaixão. O principal objetivo de *Soft to be Strong* é mostrar a outra face da mulher negra, gerando uma melhor representação e valorização de sua imagem. Também é intenção deste trabalho trazer o tema *mulheres negras* para dentro do ambiente artístico e acadêmico, assim como buscar referenciais, teóricos e práticos que conversem com o tópico. Nesta pesquisa, foram utilizados como referenciais teóricos os livros *Olhares Negros* de bell hooks e *Mulheres, Raça e Classe* de Angela Davis, assim como Rosana Paulino, Gustav Klimt e Frida Kahlo como referenciais artísticos.

Palavras-chave: mulheres negras, desenho em aquarela, representação, corpo.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>5</b>
<b>1. O despertar da consciência negra: referenciais teóricos .....</b>	<b>7</b>
<b>2. Representações do sensível: desenho do corpo negro.....</b>	<b>11</b>
<b>3. Vida, negra, de olhos fechados: referenciais práticos .....</b>	<b>24</b>
<b>3.1. Rosana Paulino</b>	<b>24</b>
<b>3.2. Gustav Klimt</b>	<b>27</b>
<b>3.3. Frida Kahlo</b>	<b>29</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>31</b>
<b>Lista de Imagens .....</b>	<b>33</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>35</b>

## Introdução

O presente Trabalho de Conclusão de Curso trata da tentativa de fuga dos estereótipos impostos à mulher negra através do desenho. O objetivo do trabalho é apresentar, por meio da representação gráfica, um olhar distinto e crítico sobre a percepção preconcebida e, por vezes pejorativa, imposta à mulher negra, como, por exemplo, a ideia de que esta é uma pessoa raivosa, “durona” e de sexualidade exacerbada. Utilizando como principais referências teóricas os livros de bell hooks<sup>1</sup>, *Olhares Negros*, e Angela Davis, *Mulheres, Raça e Classe*, por apontarem aos rótulos e ideais estereotipados reservados à mulher negra na sociedade, se tem no presente trabalho a intenção de construir uma narrativa, através do desenho, sobre mulheres valentes que largam suas vidas em sociedade para viverem na floresta como uma metáfora para refúgio).

Contudo, percebi que havia pouca diversidade nas figuras que eu vinha retratando, quase um reflexo do meio em que me encontrava, onde pessoas negras eram minorias nos espaços, com exceção das equipes de limpeza e em trabalhos braçais. Foi necessário repensar meu trajeto como pessoa e artista para que eu pudesse utilizar as ferramentas que tinha da melhor forma possível e trazer, ao menos um pouco, a representação de pessoas negras para o ambiente acadêmico e das artes.

O trabalho da artista paulistana Rosana Paulino é importante nesse objetivo para mostrar a prática de outras mulheres negras que lutam por um espaço no ambiente artístico e para apresentar olhares distintos de pessoas negras por outras pessoas negras, especialmente mulheres. Também são referências artísticas para este trabalho, mesmo que indiretamente, Maya Angelou, cuja poesia e história de vida e forte delicadeza me inspiraram a ter força e não desistir, além de ter orgulho de minha pele.

Ao buscar a fuga destes estereótipos e mostrar outras faces da mulher negra, a representação desta última se deu através do desenho e da técnica da aquarela. A escolha destes não foi ao acaso, visto que envolvem procedimentos que podem trazer

---

<sup>1</sup> O nome da autora é escrito em letras minúsculas, pois é um pseudônimo inspirado em sua bisavó Bell Blair Hooks, o qual escolheu grafar dessa forma para dar mais importância à essência de seus livros e não à autoria destes.

delicadeza ao trabalho, intuito central para a ilustração de *Soft to be Strong* (Delicado para ser Forte). Através da representação gráfica, formou-se uma narrativa onde estas mulheres negras, prejudicadas tanto pelo racismo quanto pelo preconceito de gênero, fugiram para a floresta para uma nova vida, longe das violências cometidas contra elas. O modo como estas mulheres são representadas, nuas, busca uma reflexão sobre como o corpo negro pode ser observado como algo que é natural e que não deve ser escondido por motivos puritanos e racistas (principalmente o corpo das mulheres). Sob esse ponto de vista, o trabalho de Klimt é mencionado já que ele retratava mulheres de forma não submissa às ideias conservadoras da sociedade, mesmo que seus objetivos sejam contrários ao da proposta deste trabalho, visto que o corpo da mulher negra assim é mostrado há tempo demais tanto pela mídia quanto pelas idealizações errôneas do que ele representa desde os tempos da escravidão. Também, Frida Kahlo, ao falar da floresta é aqui pensada como referência, ao trazer à tona o que este lugar (floresta) representa no trabalho. Apesar disso, *Soft to be Strong* busca um significado distinto do que Kahlo utilizava, pois ela “fala” sobre sofrimento e morte, em especial em seu quadro *O Cervo Ferido*. Ao situar estas mulheres na floresta, agora seu refúgio e sua casa, o propósito é trazer a natureza como pano de fundo para a narrativa, de forma a ser um complemento dela mesma e símbolo da liberdade conquistada.

Nisto, no capítulo 1, apresento o tema da mulher negra e as razões que me levaram à escolha deste, conciliando-o com o referencial teórico pertinente. No capítulo 2, busco falar da metodologia, enquanto no capítulo 3 falo sobre os referenciais práticos e os motivos que me levaram à sua escolha.

## **1. O despertar da consciência negra: referenciais teóricos**

Em 2018, tivemos um turbulento ano devido às eleições presidenciais brasileiras. O risco de perdermos direitos parecia cada vez mais próximo, não apenas no Brasil, mas em outros lugares do mundo, especialmente os direitos que as mulheres tanto lutaram para conquistar para si. Enquanto trabalhava num primeiro rascunho para o trabalho de conclusão de curso, um projeto pessoal foi se desenvolvendo, como se acompanhasse os receios surgidos devido às ideias conservadoras e a agressividade reservadas às mulheres que vinham se manifestando, principalmente, por usuários de redes sociais. Esbocei diversos desenhos onde as mulheres pudessem ter um lugar seguro, para onde pudessem fugir e ficar protegidas daqueles que insistiam em ameaçá-las. Esse refúgio era a floresta que, apesar das inúmeras histórias onde ela é tida por um lugar que se deve ter cuidado, pois, é habitado por perigos à espreita, aqui ela ganha a forma de um lugar quase mágico, onde nenhum mal pode alcançar aquelas que buscam sua proteção. Entretanto, a ideia de um refúgio para mulheres só veio mais tarde com o amadurecimento do projeto. Estes rascunhos eram compostos principalmente por mulheres em locais onde poderiam estar em contato com a natureza. Cercadas dos animais, com filhas, ou até mesmo sozinhas, elas buscavam nesse lugar um espaço onde pudessem descansar e fugir dos problemas que enfrentavam em suas vidas na cidade. Apesar de serem mulheres fortes, o fato da sociedade exigir delas que estivessem sempre bem, mantendo uma imagem o mais próxima da perfeição possível, não podendo vir delas qualquer sinal de fraqueza sem que houvesse julgamento, fazia com que elas optassem por abandonar suas casas e seus empregos, para adentrarem à floresta e não mais retornarem.

A despeito da constante luta do feminismo para manter a liberdade e os direitos das mulheres intactos, percebo, que parte destas não são ouvidas dentro do próprio movimento, em especial aquelas que pertencem às minorias. Não somente o gênero, mas classe e raça são vitais na análise das pautas, pois é imprescindível verificar os diferentes pontos de vista de um mesmo problema. Mesmo quando mulheres negras e brancas sofrem com a discriminação de gênero, e até mesmo de classe, a mulher negra tem um fator que agrava sua situação: o racismo. Apesar do crescente esforço e conscientização pela igualdade salarial entre homens e mulheres, mulheres negras



ainda ganham menos do que o homem negro e a mulher branca. Segundo o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), as mulheres negras são 50% mais vulneráveis ao desemprego<sup>2</sup>, além de receberem o equivalente a 43% do salário de um homem branco, ao que a mulher branca alcança a média de 76%<sup>3</sup>. A divergência não se dá apenas sobre a causa trabalhista, mas temas como o genocídio de jovens negros (é estimado que um jovem negro é morto a cada 23 minutos no Brasil), a violência contra a mulher negra, e até mesmo a maneira diferenciada que o corpo negro e branco é visto e tratado, são questões levantadas por parte dessa minoria. Fernanda Thomaz, professora de História da África na Universidade Federal de Juiz de Fora, em entrevista ao site Projeto Colabora<sup>4</sup>, afirma que “[...] quando pensamos em parte das pautas das mulheres negras, elas querem o básico. Enquanto, muitas vezes, as mulheres brancas querem se igualar ao lugar dos homens brancos” (THOMAZ, 2019. n.p). Ao prosseguir, ela complementa dizendo que “existe uma relação de poder dentro do movimento feminista, controlado pelas mulheres brancas de elite, no sentido de levantarem suas pautas como únicas” (THOMAZ, 2019. n.p).

Contudo, não seria a primeira vez que tal fato ocorre dentro do movimento. Em meados de 1840, quando homens e mulheres (brancas) se aliavam à luta antiescravagista, essas mesmas mulheres que lutavam pelo próprio direito ao voto e educação, se recusavam a compreender a importância de inclusão das mulheres negras em suas pautas. Angela Davis conta, em *Mulheres, Raça e Classe*, que “as irmãs Grimké haviam criticado anteriormente várias sociedades antiescravagistas femininas por ignorarem a condição das mulheres negras e, algumas vezes, manifestarem preconceitos flagrantemente racistas” (DAVIS, 2016, I 1557). Ela relata também que Frederick Douglass, um dos poucos homens a afirmar seu apoio pelo direito das mulheres ao voto, viu sua filha ser proibida pela diretora (uma abolicionista branca) de assistir aulas com as outras meninas brancas. Durante o período do movimento sufragista, muitas mulheres brancas ao se depararem com a escolha de ganhar o direito ao voto ou continuar lutando para que este direito também se estendesse aos homens negros, optaram por abandonar aqueles que elas vinham ajudando a libertar em razão de ideias de cunho racista (IBIDEM). Elizabeth Cady

---

<sup>2</sup> [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=34371](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34371)

<sup>3</sup> [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=34627&Itemid=9](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34627&Itemid=9)

<sup>4</sup> <https://projctocolabora.com.br/ods5/feminismo-negro-muito-alem-da-questao-de-genero/>

Stanton, uma abolicionista e líder do movimento sufragista, chegou a escrever uma carta onde se pronunciava contra o voto do homem negro pois “era melhor ser escrava de um homem branco instruído do que um infame negro ignorante” (STANTON, In DAVIS, 2016. I. 1783). Com a aprovação da emenda que proibia o uso de raça, cor e situação prévia de escravidão para negar o direito ao voto, mas sem estender esse direito às mulheres, as mulheres brancas se sentiram enganadas, quando, na verdade, houve uma manobra política do governo após a Guerra Civil, visando “arrecadar” os votos de homens negros e garantir uma hegemonia política do Partido Republicano (IBIDEM).

Como consequência de tais leituras e fichamentos realizadas durante o processo de pesquisa de referenciais teóricos, houve um questionamento pessoal sobre minha contribuição para o tema proposto onde, no período, não era focado somente na mulher negra, mas num refúgio para todas as mulheres e se eu gostaria de mantê-lo. Ao ler a respeito da situação da mulher negra na sociedade, questionar o ambiente onde me encontrava (tanto acadêmico como social) e constatar que havia pouca diversidade em meus próprios desenhos (sendo a maioria das personagens branca, magra e com cabelos lisos ou ondulados), era essencial que houvesse uma representação maior de mulheres negras. Focar na temática da mulher negra, não era essencial apenas pela importância do debate a respeito das desigualdades vivenciadas por elas, mas no que dizia respeito a mim mesma e como eu utilizaria o privilégio de ter acesso à arte e educação para abordar tópicos que faziam parte de minha vida. Ser uma pessoa negra e conhecer muitas das situações descritas nos livros, também escritos por mulheres negras, foi um fator determinante para produzir mais desenhos de mulheres negras, fazendo deles o ponto central do trabalho. Ao crescer, muitas crianças negras sofrem com a falta de representação na mídia. Quase não há personagens negros com quem se identificar, especialmente as meninas que veem nas novelas e revistas mulheres magras, de pele clara e cabelos lisos, imagens que permearam meu trabalho por muito tempo. Além disso, em muitos casos, temos uma representação distorcida do negro, em que estereótipos racistas são predominantes ainda nos dias atuais.

Tendo em vista o quanto prejudicial são os estereótipos sobre a mulher negra, precisei tomar cuidado para que, ao evitar uma determinada ótica, não acabar utilizando outra igualmente problemática. Herança do período escravagista, a forma

sexualizada com que o corpo da mulher negra é percebido não mudou muito, mesmo 130 anos após a abolição da escravatura. Partindo de experiências pessoais, quando aos 7 anos me foi retirado o direito de usar meus shorts favoritos pois eles despertavam olhares atrevidos de homens que teriam idade para serem até mesmo meus avós, passando pela adolescência onde os únicos elogios que me eram dirigidos pelos garotos eram com relação ao meu corpo, ou o quanto eu era divertida mas nunca bonita, até chegar à idade adulta me vendo evitar relacionamentos amorosos devido ao que agora é identificado como “solidão da mulher negra”. Este termo foi abordado academicamente, pela primeira vez, pela pesquisadora Claudete Alves<sup>5</sup> em sua tese, transformada em livro posteriormente. Alves explica que, ao se debruçar sobre a historicidade da mulher negra, percebe-se que:

[...] sua trajetória, a partir da ruptura diaspórica africana até a contemporaneidade, foi permeada pela solidão. Também sempre foi demarcada por sucessivos revezes nas lutas de resistência contra as políticas de dominação escravagistas, de segregação e exclusão social, de assunção unilateral de responsabilidades familiares, de encontros e desencontros dialógicos amorosos na convergência do pertencer ou não pertencer, no direito de ser ou não ser (ALVES, 2008, p. 39).

Apesar dos relatos pessoais no texto, o ponto de vista apresentado é a partir de uma pessoa que, apesar de negra, não se encontra fora das conformidades sociais; minha pele é clara, meu corpo pertence ao padrão magro e minha faixa etária é abaixo dos 30 anos. Existem grupos menores dentro da própria minoria dos quais não foi dirigido sequer um olhar que não seja acusador ou preconceituoso, sendo estes formados por mulheres, gordas e trans, principalmente, que passam a vida lutando pela própria sobrevivência. Mais do que isso, muitas vezes, elas têm apenas a si mesmas com quem contar em sua luta diária de autoaceitação e para ocupar espaços que lhe são de direito. Por isso, foi importante tomar a decisão de retratar apenas mulheres negras em *Soft to be Strong*. Porém, mesmo sabendo da importância do tema, o trabalho não se desenrolou de maneira fácil. É no próximo capítulo que apresento um pouco do processo criativo e do que precisei manter em mente ao produzi-lo.

---

<sup>5</sup> **Claudete Alves**, formada em Pedagogia com Especialização em Administração Escolar, Mestre em Ciências Sociais pela PUC/SP. Vereadora por dois mandatos na cidade de São Paulo (2003 a 2008), teve como principais áreas de atuação o combate à discriminação racial, defesa dos direitos da mulher, criança e adolescente e a defesa intransigente da Educação Infantil e de seus trabalhadores.

## 2. Representações do sensível: desenho do corpo negro

Ser capaz de contar histórias é um dos talentos mais bonitos que alguém poderia ter. Fazer com que pessoas possam ver um novo mundo através de seus olhos, fazê-las sentirem as mais diversas emoções, até mesmo fazer com que escapem do mundo real e de seus problemas por algum tempo. Contudo, contar histórias através da arte se torna um trabalho um pouco diferente. Muitas vezes você não pode levá-la para casa, não pode passar horas admirando-a confortavelmente em seu sofá, caso se ela não esteja na sua casa. Mas isto não significa que as pessoas que a apreciam não sentirão algo semelhante. Na verdade, para muitos, o sentimento pode ser até mais intenso, já que a arte, por ser sensorial, pode despertar emoções ainda mais profundas. Neste trabalho, a intenção é trazer narrativa, o contar histórias através do desenho em aquarela. A professora e pesquisadora Paula Mastroberti aborda este assunto em sua tese, onde ela explica que “há a necessidade de se incluir a literatura como arte pertencente ao campo de estudo das poéticas, e de integrar as práticas de leitura e de escrita às práticas de criação e de educação artísticas” (MASTROBERTI, 2016, p. 15-16). Ao conectar a arte e a literatura, somos capazes de trazer uma riqueza de detalhes e profundidade maior ao trabalho.

Ao ouvirmos uma história, automaticamente criamos uma imagem do que está sendo contado. Pensamos em cada detalhe, das feições à roupa do personagem, na cena que se desenrola ao seu redor, imaginamos como é sua vida para além do que está sendo contado nas páginas. Para aqueles que têm a missão de contar essas histórias, a magia está ao alcance de uma caneta. Ou até mesmo de um computador. Apesar da “facilidade” das ferramentas, é exigido, mesmo daqueles que se dedicam à arte escrita, esforço e dedicação. Entretanto, aqueles que têm a missão de traduzir estas palavras em imagens têm um árduo trabalho para trazer à vida a caracterização almejada pelo autor ao criar sua história. Em seu curso de Quadrinhos e Arte Sequenciais<sup>6</sup> (MASTROBERTI, 2016), Paula Mastroberti discorre sobre contextualização dizendo que, além de uma oficina criativa, o curso se ocupava “da

---

<sup>6</sup> Curso de Extensão Quadrinhos e Artes Sequenciais ministrado pela professora Paula Mastroberti em 2016, UFRGS, tinha como objetivo a produção coletiva cujo tema seria a recriação gráfica da obra *Through the looking-glass and what Alice found there* [Através do espelho e o que Alice encontrou lá], de Lewis Carroll.

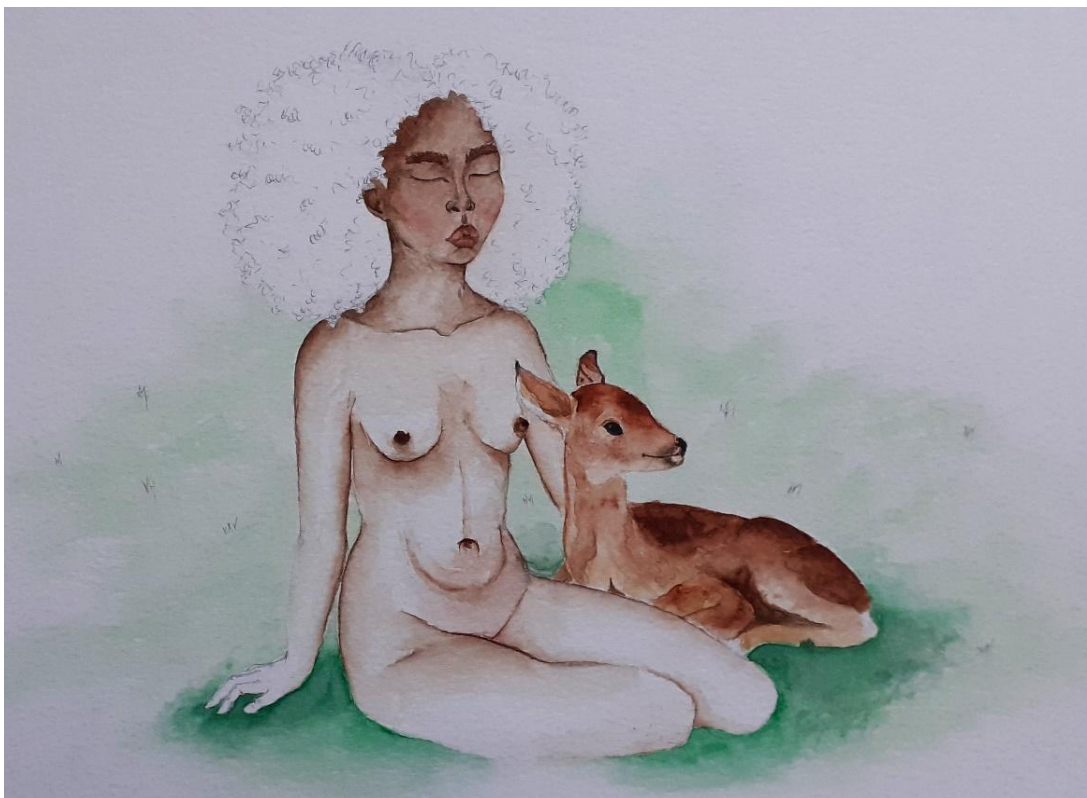
história e dos contextos socioculturais e econômicos da produção gráfica, da análise de obras, da verificação dos diversos gêneros e estilos, de teorias da arte e da escrita e de uma semiótica específica, aplicada à linguagem dos quadrinhos” (MASTROBERTI, 2016, p. 28). Contudo, o processo utilizado em *Soft to be Strong* é feito de maneira inversa. Nele, as imagens são as primeiras a surgirem, como *insight* da prática do desenho ligada à afinidade com a representação da figura humana e de animais para, posteriormente, ser entendidas como potências expressivas de uma história, uma narrativa: a fuga da mulher negra à floresta. Esse processo permite que o ato de desenhar seja mais fluído, sem o peso de necessitar de um *script* ou regras para o desenho.

À medida que o trabalho (desenho e história) foram se definindo e ganharam um foco, os conceitos foram ficando mais evidentes e o processo pode ser continuado partindo de tal ideia para uma maior consistência.

Nenhum desenho é necessariamente planejado. Ele vai acontecendo lentamente, podendo demorar dias para ser finalizado. Se fosse possível fazer um raio-x, assim como são feitos das pinturas dos grandes artistas, poderíamos ver as diversas trocas de posição, as mudanças no corpo, a difícil escolha dos animais e das cenas que acompanharão as personagens. É um processo que exige paciência, que a mão seja leve, mas ao mesmo tempo firme. O traço do desenho não é feito com uma linha única, mas um conjunto de pequenos traços que vão se encontrando e se completando aos poucos.



1. PAULA SOARES FERNANDES. **Woman with another Deer.** Aquarela. 2019



2. PAULA SOARES FERNANDES. **Woman with Deer.** Aquarela. 2019

Outra característica do processo é a forma como as referências são usadas. É prática comum de artistas de dispor das mais diversas imagens para a base do desenho. O mesmo acontece aqui. Entretanto, mesmo fazendo do desenho uma colagem de diferentes figuras, elas apenas servem como composição para o primeiro rascunho. É a partir delas que o traço fica mais firme e o trabalho vai sendo modificado até a versão final. As semelhanças entre personagens e até mesmo uma mistura entre detalhes mais realistas e menos realistas são colocados de forma proposital. As personagens não mais se encontram na mesma realidade que a nossa: quando elas fugiram, deixaram tudo o que podiam para trás e cortaram os laços. Por isso, elas já não mais mantêm a forma que teriam no mundo “real”.

Ao finalizar os esboços e me deter na forma de representação dos corpos das personagens, me deparei com um problema: como estes seriam expostos e que questões poderiam ser levantadas em decorrência dessa escolha. Também surgiram questões pessoais e perguntas que me levam a problematizar meu próprio modo de fazer arte. Os corpos representados no trabalho são todos de pessoas magras. Alguns deles saem do padrão abaixo do peso, mas nenhum que pudesse ser dito como um corpo gordo.

3. PAULA SOARES FERNANDES.  
**Woman in the Water**  
Aquarela  
2019

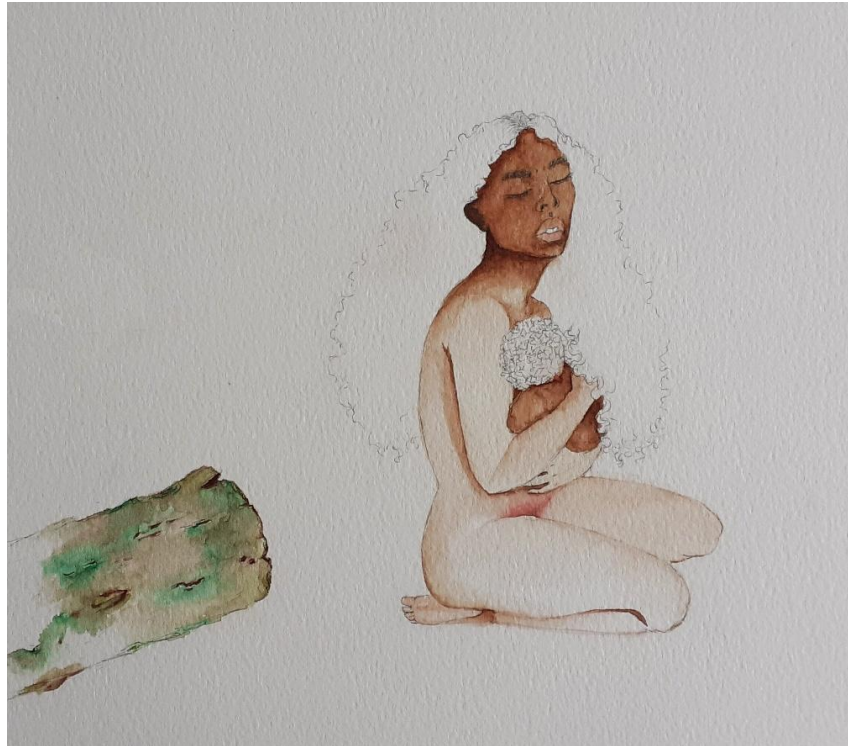




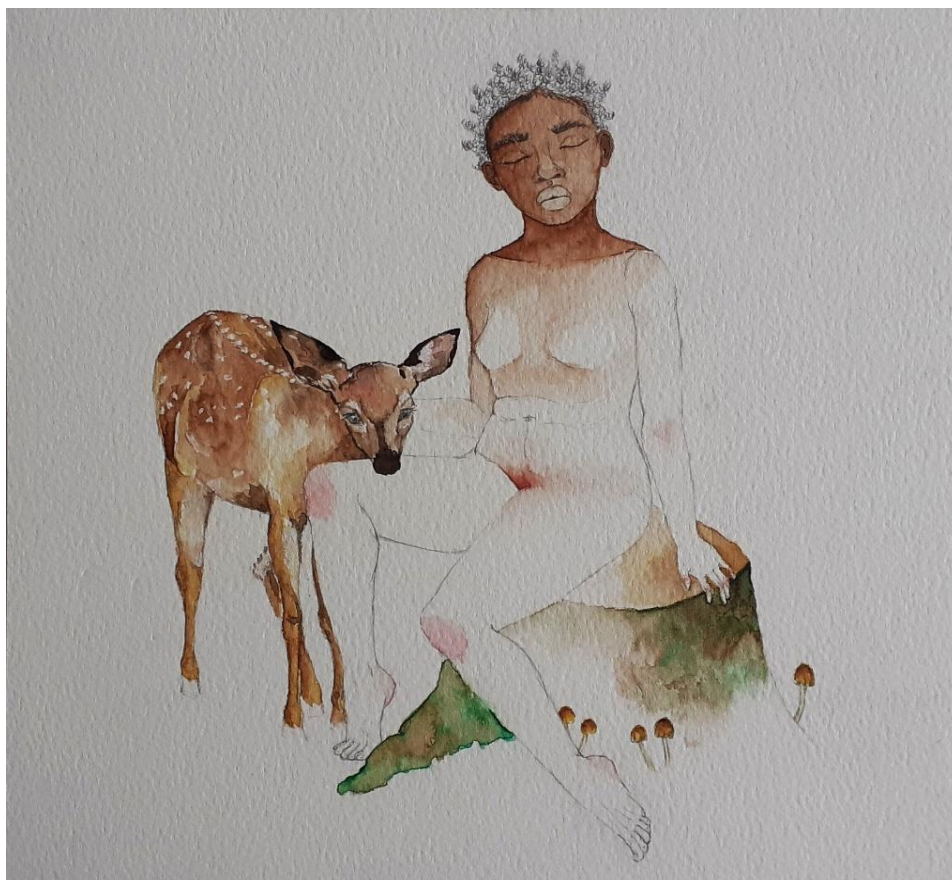
4. PAULA FERNANDES. **Girl with Horse**. Aquarela. 2019

Apesar dos diversos direitos conquistados pelas mulheres desde a primeira onda do feminismo até os dias atuais, ainda sentimos a pressão para estarmos bem, principalmente em relação à aparência. Somos cercadas de propagandas sobre emagrecimento e procedimentos estéticos desde muito novas, assim como crescemos ouvindo que precisamos nos manter belas, além de magras, pois a sociedade exigia isso. Não nos é permitido envelhecer nem engordar, algo natural do corpo humano. É preciso estar sempre “em forma” pois só assim conseguiremos um marido, um emprego, e uma vida social digna de história de cinema. É nesse ponto que Naomi Wolf se detém no início de seu livro *O Mito da Beleza* (2018). Ela discursa que os direitos adquiridos, inclusive sobre nosso próprio corpo em relação ao controle de reprodução, não foram suficientes para que estejamos totalmente no controle, que “quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens da beleza feminina a nós impostas” (WOLF, 2018, p. 11). A insegurança causada me fez ver o mundo de uma maneira diferente, preconceituosa até, e isso se refletiu em meu trabalho durante muito tempo. Quando optei pela nudez desses corpos (nudez essa que tenta trazer a naturalidade do corpo humano e a ideia de se despir do mundo material), precisei repensar como iria apresentá-los sem que houvesse representação apenas de corpos extremamente magros.



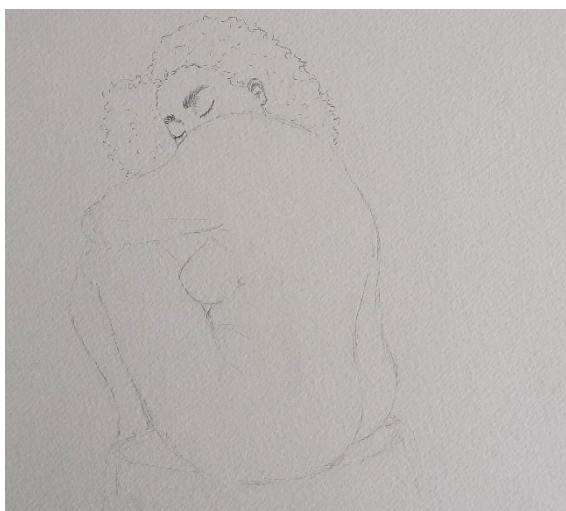


5. PAULA FERNANDES. **Woman with Baby**. Aquarela. 2019

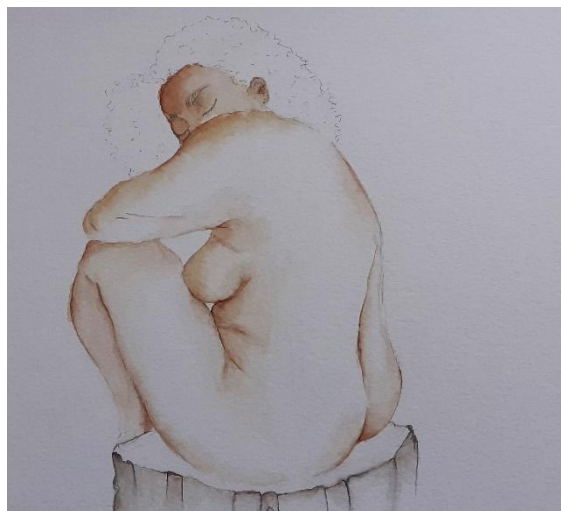


6. PAULA FERNANDES. **Girl with Deer**. Aquarela. 2019

Porém, apenas detectar o problema não foi o suficiente. O desenho que construo ainda mantém muito de meus antigos hábitos de reduzir medidas e não acrescentar características consideradas “defeitos”, como sinais ou manchas de pele e marcas de expressão. Embora esse ato venha do medo de ofender a quem está sendo representado, ficcional ou não, ele não é saudável. Ao fazer isso, estou ajudando a manter a imagem da mulher perfeita na memória do espectador. Mudar esse hábito não foi (nem continuará) fácil, mas obtive alguns resultados positivos durante o processo. Apesar de, ainda, não ser o ideal, consegui ilustrar algumas personagens pelo menos um pouco fora do padrão rígido que eu mesma mantinha.



7. PAULA FERNANDES. **Naked Woman.**  
Grafite sobre papel. 2019



8. PAULA FERNANDES. **Naked Woman.**  
Aquarela. 2019

Contudo, é importante levar em conta a diferença percebida entre como o corpo negro e o branco são retratados. Embora os dois sejam sexualizados, o corpo negro se encontra ainda mais vulnerável. Os corpos de mulheres negras não pertencem a elas. Elas são desejadas por homens desde tenra idade pois o racismo e o sexismo os levam a crer que eles detêm o poder sobre o corpo delas. Isso é herança da escravidão. Desde a infância, meninas negras precisam esconder seus corpos devido aos homens (jovens e velhos) que cresceram com a ideia de que pessoas negras são naturalmente sexuais. Em muitos casos, essas meninas são levadas a acreditar que precisam agir de acordo tais estereótipos e eles podem tirar proveito delas. Elas crescem com a ideia de que terão admiradores e poderão conquistar a quem elas

quiserem se tiverem um corpo escultural<sup>7</sup>. Às vezes, essas garotas vêm a descobrir um pouco tarde demais que parte disso era mentira. Sim, seus corpos poderiam atrair admiradores, mas eles não viriam para ficar. Elas não seriam a mulher da vida desses homens nem seriam desejadas por completo. Sempre houve apenas uma intenção atrás de cada elogio e amabilidade: sexo. Por causa disso, muitas mulheres negras passam suas vidas entre um relacionamento e outro cuja duração é de curto ou médio prazo; outras preferem ou são impostas à solidão, sem nunca saber o que é uma relação de verdade. Ainda há casos onde elas desejam tanto um relacionamento, que acabam por entrar em relações abusivas, são trocadas por mulheres brancas (até mesmo mulheres negras de pele mais clara) ou nunca são apresentadas oficialmente como a namorada.

Devido ao problema deste estereótipo em torno da mulher negra, que a mídia impõe, é que é preciso cuidado ao retratá-la. Seu corpo, sempre visto como exuberante e sensual, é propositalmente diminuído no trabalho para que ele não seja visto sob a mesma ótica. No entanto, ao seguir por esta linha de raciocínio, corro o risco de repetir os padrões de magreza já comentados, e retratar a mulher negra somente sob o estereótipo de feminilidade (onde feições delicadas e figuras esbeltas prevalecem). Ao mesmo tempo que problematizo e abordo estas questões, ressalto que a mulher negra, apesar de ter ganho espaço na mídia, não é utilizada como padrão de beleza. Ouve-se comentários ao estilo “você é uma negra bonita” ou “você é bem bonita para uma negra”, da mesma forma que mulheres gordas precisam lidar com comentários de ser bonita apenas por seu rosto, como se, caso decidam emagrecer, ficariam lindas por inteiro visto que o corpo grande é seu único defeito. Então, ao retratar a mulher negra com traços delicados (não com o sentido de branquitude), é pelo desejo de que ela possa ser vista sob uma nova ótica, onde possa ser sim admirada por sua beleza.

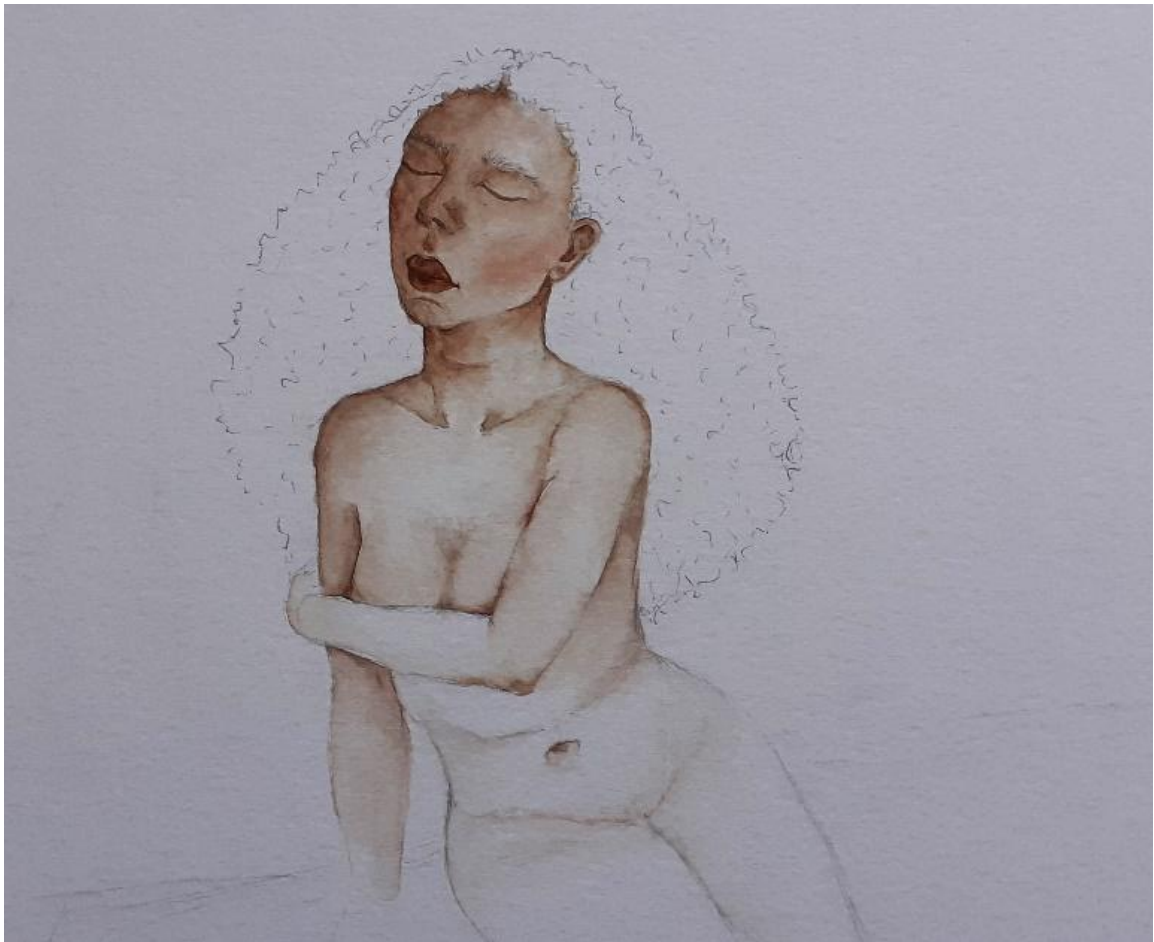
Durante muito tempo foi negado o direito à mulher negra de ser bonita, delicada e se dedicar exclusivamente à sua família. Desde os tempos da escravidão sendo usada como mão-de-obra barata, tal como os homens negros eram, ser mulher não era justificativa para que ela não fosse obrigada a trabalhar em serviços pesados e que exigiam do seu corpo, muitas vezes mais do que podia suportar. Segundo Davis, as mulheres “aprenderam” a ser dessa forma, pois:

---

<sup>7</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=02TBfKeBbRw>

(...) obrigadas a pelos senhores de escravos a trabalhar de modo tão “masculino” quanto seus companheiros, as mulheres negras devem ter sido profundamente afetadas pela vivência da escravidão. [...] Embora a maioria que tenha sobrevivido e, nesse processo, adquirido características consideradas tabu pela ideologia da feminilidade do século XIX (DAVIS, 2016, I 345).

Apresentá-la baseada no conceito de feminilidade é agir de forma a resgatar o direito de ser e se sentir bonita que lhe foi negado. Ao explicitar o desejo de transmitir a delicadeza e sutileza existentes na mulher negra, o uso da aquarela foi um importante instrumento durante o processo. Apesar de utilizar o desenho somente como esboço (embora seja interessante notar que, mesmo depois de pintado, as linhas feitas com o grafite não são totalmente apagadas), era essencial que a técnica que seria aplicada em cima deste, pudesse manter a leveza do traço. Antes do processo começar, houve experimentos com guache e acrílica. Ambas técnicas trouxeram atributos próprios para o trabalho, mas nenhuma pode trazer a suavidade que eu almejava. Ainda que a aquarela fosse a principal técnica que, empregada por mim em outros trabalhos, não me sentia satisfeita com os resultados obtidos. Ao trabalhar com a aquarela de forma autodidata, cometia erros que não me eram percebidos na época. Todavia, quando foi decidido que ela seria a técnica mais propícia, foi necessário me dedicar mais, inclusive frequentando a disciplina de Aquarela, ministrada pela Prof<sup>a</sup>. Laura Castilhos, lastimavelmente no último semestre do curso. Trabalhos relativos tanto ao *Soft to be Strong* quanto trabalhos pessoais foram feitos em aquarela para que houvesse uma melhora na técnica. Foi necessário um investimento maior de tempo, e qualidade de materiais, para melhores resultados.



9. PAULA FERNANDES. **Woman**. Aquarela. 2019

Ao olhar o conjunto do trabalho não vemos, necessariamente, a aquarela sendo utilizada de forma “tradicional”. A aquarela é uma técnica em que a tinta é dissolvida em água, fazendo com que se crie transparências e camadas, usualmente sendo explorada a técnica aguada e deixando que ela “trabalhe” no papel de forma mais solta. Apesar dos diferentes efeitos que ela traz, acaba por ser pouco explorada neste trabalho, sendo utilizada para os fundos e em pontos de menor destaque, visto que o objetivo é deixar a cor mais destacada quando usada nas personagens e nos animais, pois desejo que haja um destaque maior na figura central deles. Ao fazer isto, consigo lhes dar o foco principal, ressaltando suas figuras nas páginas deixadas em sua cor original somente com um toque de cor ao fundo, dando a entender que existe um espaço ao seu redor. É importante observar também que, ainda que eu utilize diferentes técnicas e abordagens, os artistas que fazem parte do referencial prático deste trabalho, como veremos no próximo capítulo, foram escolhidos de forma a

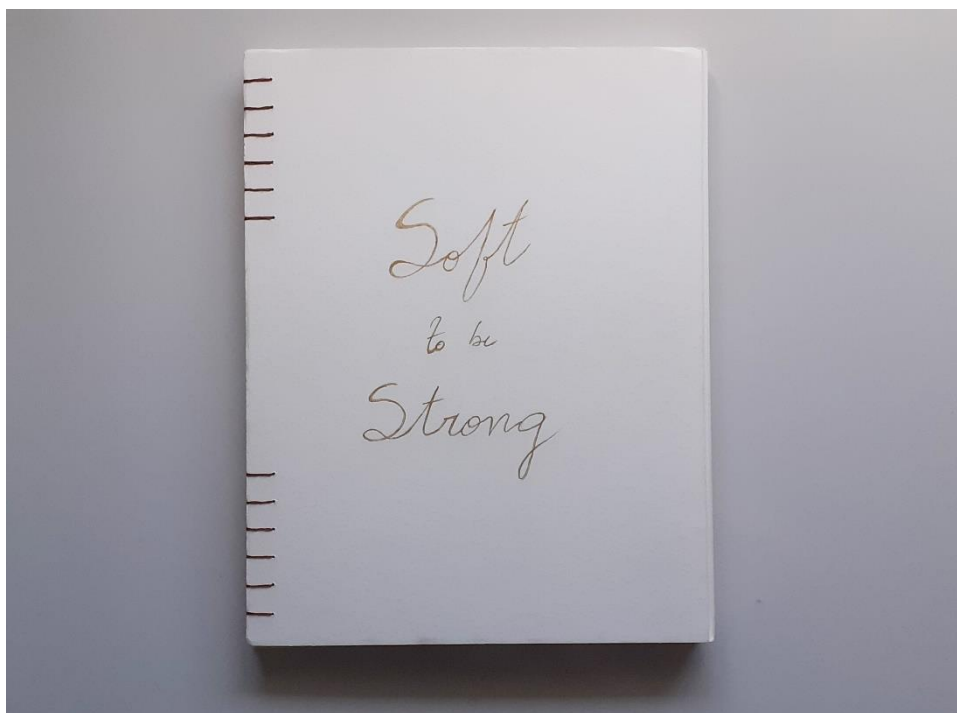
contribuir para a reflexão acerca do trabalho, tratando de temas semelhantes, ou até mesmo ideias contrárias às retratadas aqui.

Quando passamos para a parte da apresentação do trabalho, ele se deu no formato de livro por ser a melhor forma de mostrar o conjunto de aquarelas. Primeiramente, ocorreu a ideia de expor na parede. Porém, acredito que elas poderiam perder um pouco de sua evidência já que não seriam utilizadas molduras. Compor as aquarelas em formato de livro faz com que a atenção se volte para o trabalho e não se perca no espaço em que estão. Além disso, cada folha é composta por um desenho para que, ao folhear as páginas, o leitor consiga se deter nas aquarelas individualmente. Mesmo depois de escolher esse formato, ainda havia muitas maneiras dele ser executado, desde um livro feito à mão até o formato digital ou de zine. Tratando-se de um tema relacionado ao natural e ao delicado, o livro costurado à mão é o mais apropriado para que haja uma unidade ao trabalho. Foram utilizadas folhas de gramatura 300 gramas e tamanho A3 dobradas ao meio para que ficassem em tamanho A4, o suficiente para que os desenhos fossem colados mais tarde em cada uma. Estas folhas foram agrupadas em grupos de 4 e 3, sendo colocadas uma dentro da outra, para depois ser utilizado o método copta<sup>8</sup> de costura. A capa foi feita do mesmo material das folhas internas, colocando uma folha mais grossa para dar firmeza a ela. Quanto ao título, este foi escrito à mão com tinta aquarela de cor dourada.

O livro será exposto num pedestal baixo, para que ele esteja acessível aqueles que se interessarem, e para que possam “ler” o livro. Ao redor dele, serão expostos nas paredes outros trabalhos feitos por mim durante o ano que mantiveram o mesmo tema ou estilo, para trazer a ideia de que este trabalho está sempre em andamento. Ao todo foram feitos 21 desenhos para serem adicionados ao livro e 16 desenhos para serem expostos na parede .

---

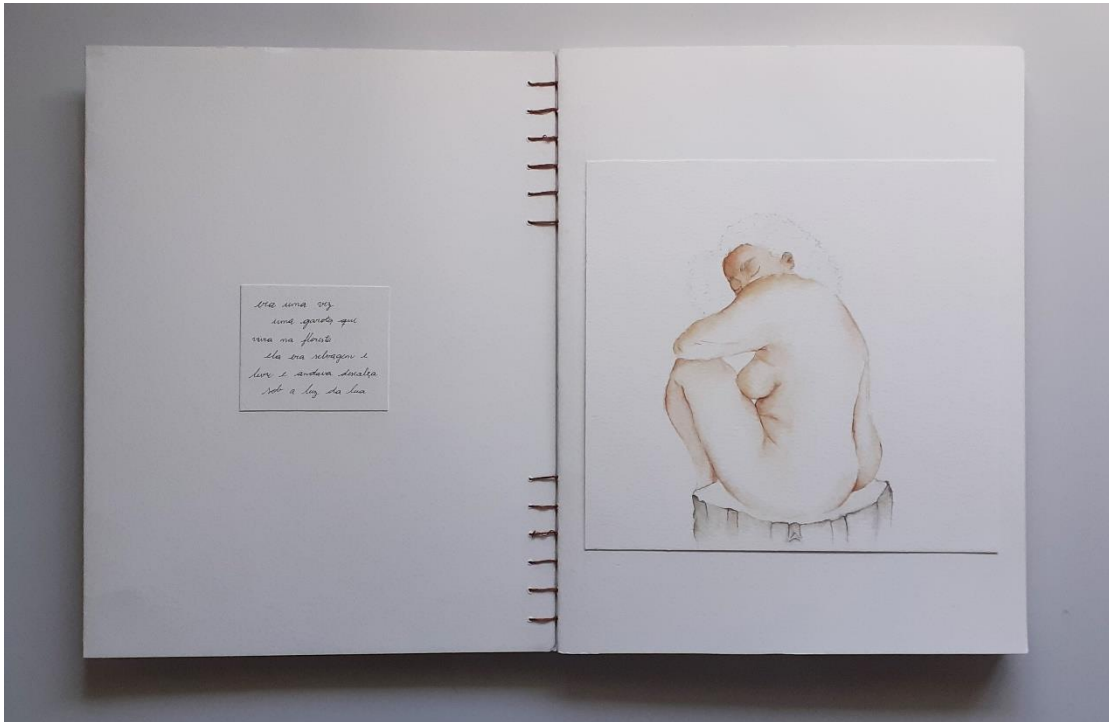
<sup>8</sup> A encadernação copta é feita pela união da capa ao miolo, caderno por caderno, em pontos que formam linhas verticais. Essa costura tem um efeito estético onde deixa o miolo à mostra.



10. PAULA FERNANDES. **Soft to be Strong**. Livro. 2019



11. PAULA FERNANDES. **Soft to be Strong**. Detalhe. 2019



12. PAULA FERNANDES. **Soft to be Strong**. Livro. 2019



13. PAULA FERNANDES. **Soft to be Strong**. Livro. 2019





14. PAULA FERNANDES. **Soft to be Strong**. Livro. 2019

### 3. Vida, negra, de olhos fechados: referenciais práticos

A importância de trazer obras que pudessem dialogar com meu trabalho está em ressaltar os diversos pontos de vista sobre um mesmo tópico. É por essa razão que trago a artista visual, professora e pesquisadora Rosana Paulino, com o tema da mulher negra, Klimt a respeito de como retratar o corpo feminino e Frida ao falar do cenário e seu significado.

#### 3.1. Rosana Paulino

Rosana Paulino trata em seu trabalho sobre questões referentes à condição do negro no Brasil, desde a escravidão até o racismo presente nos dias atuais. Ela explica no vídeo<sup>9</sup> produzido pela professora Célia Antonacci<sup>10</sup> (UDESC), que se apropria de imagens de corpos negros, principalmente mulheres, provenientes de álbuns de família, assim como fotos obtidas do trabalho de documentação de pessoas negras

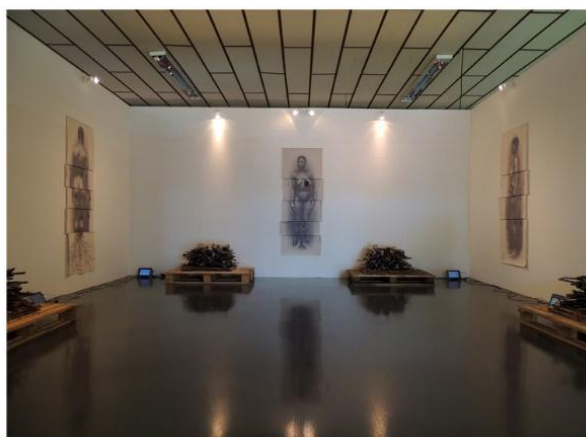
---

<sup>9</sup> <https://vimeo.com/111885499>

<sup>10</sup> Celia Maria Antonacci Ramos é mestra e doutora em Comunicação e Semiótica, PUC/SP, 2000.

de Louis Agassiz<sup>11</sup> (onde ele tentava, através da fotografia, provar a degeneração racial e o perigo da miscigenação) para compor seu trabalho. Com o auxílio da costura e da cerâmica, ela fornece um novo significado para essas imagens. As imagens de Agassiz, por exemplo, tinham o propósito de confirmar seus argumentos racistas. Já no trabalho de Paulino, a costura está relacionada a uma ideia da amabilidade, de uma mulher que passa seu tempo bordando para a família. Estes meios são empregados de forma a gerar uma crítica ao racismo e à violência sofrida pela mulher negra.

Em sua série *Assentamento*, Paulino nos apresenta uma instalação onde podemos identificar as diversas técnicas com que a artista trabalha de forma a mostrar as diversas facetas de um mesmo assunto. Essas técnicas vão desde a impressão digital, desenho, costura e bordado, até o uso de vídeos. A série é composta por imagens de uma das mulheres negras fotografadas para o trabalho de Agassiz impressas em pedaços de tecido, que são costurados para criar a imagem completa do corpo. As impressões que estão expostas na parede são ladeadas por pilhas de madeira, como se estivessem à espera para serem queimadas. Também, ao lado, são encontrados tablets com cenas do mar em movimento. A própria artista explica em seu blog<sup>12</sup> o que esse trabalho representa, afirmando que:



15. ROSANA PAULINO. **Assentamento**. Vídeo, madeira, paper clay, impressão digital sobre tecido, linóleo e costura. Dimensão variável. 2013. Fonte: <http://www.rosanapaulino.com.br/>

[...] a instalação, dividida em três partes, mostra o caminho percorrido (imagens em vídeo do mar), os braços que vieram para o trabalho e, principalmente, o assentamento das bases de uma nova e vibrante cultura. Ressignificando a imagem desta mulher em relação à função original exercida na foto de Stahl, este corpo, agora simbólico, passa a funcionar como imagem de uma cultura mestiça, que tem uma de suas bases firmemente plantada em solo africano, raízes estas muitas vezes subvalorizadas em nossa cultura (Paulino, 2013. n.p).

<sup>11</sup> Jean Louis Rodolphe Agassiz um zoólogo, geólogo suíço, notório por sua Expedição Thayer. Agassiz foi um dos promotores e principais defensores do racismo científico e do criacionismo no século XIX.

<sup>12</sup> <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/projetos/>

No entanto, ao utilizar a obra de Paulino como referencial prático, não me detenho somente ao fato dela ter a mulher negra como tema central, mas também a uma busca de introduzir artistas que tenham um envolvimento pessoal com ele. A representatividade almejada em *Soft to be Strong* tenta ir um pouco além da representação da mulher negra no desenho e na pintura, trazendo tanto Paulino quanto bell hooks e Angela Davis, todas mulheres negras, para complementá-lo. Ainda no vídeo citado anteriormente, Rosana Paulino ressalta a falta de personagens negras na mídia quando era jovem (um problema ainda presente em produções atuais), assim como uma representação baseada em estereótipos nas poucas vezes em que estas apareciam. Isso tornou-se parte de sua motivação para tratar do assunto no próprio trabalho artístico.

A falta de representação também dentro do ambiente artístico traz uma força renovada para mudar. No catálogo “O Museu Sensível”, do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, dispomos de uma vasta lista de mulheres que tiveram sua contribuição para a arte e foram destaque na exposição de mesmo nome no ano de 2011. Das 132 artistas, cujas obras foram expostas de Dezembro de 2011 à Março de 2012, a maioria quase absoluta delas são brancas. Maria Lídia Magliani<sup>13</sup> acaba por se sobressair por ser uma das poucas pertencentes à minoria que foram inseridas na mostra. Apesar de tentar ser inclusivo, o antigo diretor do MARGS, Gaudêncio Fidelis, também doutor em História da Arte, destaca um dos principais problemas que se encontra ao tentar trazer a diversidade para dentro de um museu:

A verdade é que poucos desses profissionais (curadores) estão engajados com uma perspectiva curatorial de militância em exposições – e podemos apontar nesse caso principalmente aqueles que estão envolvidos com uma perspectiva feminista de trabalho, com curadorias sobre assuntos relacionados à comunidade LGBT, com a arte latino-americana e não ocidental e com a representação de outros grupos “marginalizados” em exposições. (FIDELIS, 2014, p. 57)

No capítulo “A História da Arte contada através de ausências”, Fidelis também discursa sobre os motivos porque obras de mulheres não são adquiridas por museus: uma ótica machista de que a arte feita por mulheres não chega ao mesmo nível que

---

<sup>13</sup> Nascida em Pelotas, 1946, foi uma pintora, desenhista, gravadora, ilustradora, figurinista e cenógrafa brasileira. Graduiu-se na Escola de Artes da UFRGS, em 1966. Foi a primeira mulher negra formada pela instituição.

as feitas pelos homens. Sendo assim, ele cita o artigo de Linda Nochlin, “Por que é que não houve grandes mulheres artistas?”, onde ela comenta a dificuldade que é alcançar a excelência em áreas como artes, ciências e política onde o padrão é o homem branco e de classe média e o acesso à elas é dificultado quando se é mulher e/ou negro (NOCHLIN, 2016). Assim, termos artistas como Rosana Paulino ganhando destaque em espaços como estes representa um avanço e uma vitória, ainda que haja muito pelo que lutar.

### 3.2. Gustav Klimt

Vivendo numa Viena baseada em fortes princípios de moralidade, Gustav Klimt foi duramente criticado por retratar de forma sensual as mulheres em suas pinturas. Gilles Néret explica que, para a sociedade vienense, existiam duas diferentes formas de retratar a nudez feminina, sendo elas denominadas *Vênus* ou *Nini*. A primeira, sendo exemplificada pela *Vênus Adormecida*, de Giorgione, geralmente é situada em meio à natureza trazendo a ideia do divino. Em contrapartida, a *Vênus de Urbino*, de Titian, retratada em ambientes internos, é apenas uma mulher “comum”. Enquanto que a nudez idealizada era aplaudida pela sociedade, a nudez de uma mulher que está “pronta para amar<sup>14</sup>” causava um escândalo (NÉRET, 2001).

Desde o início de sua carreira, Klimt “ousou cruzar os limites hipócritas de decoro imposto pela sociedade vienense”<sup>15</sup> (NÉRET, 2001, p. 15). Fazendo parte do grupo de *Secessão Vienense*, cujo objetivo era fugir das tradições acadêmicas, o pintor atreveu-se a retratar as mulheres de forma ousada em seus trabalhos, como um desafio. Contudo, ao ser criticado e não conseguir trabalho, ele encontrou uma forma de agraciar àqueles que encomendavam seus quadros enquanto pintava o que queria. Isso foi devido ao fato do artista retratar as mulheres da sociedade vienense com ar respeitável, mas acentuando os cabelos naturais e esvoaçantes, dando especial atenção aos vestidos de gala que elas vestiam ao modelar para ele, e seus fundos, inspirados nos mosaicos bizantinos, eram pensados para trazer o erotismo que lhe era negado pelas convenções da época.

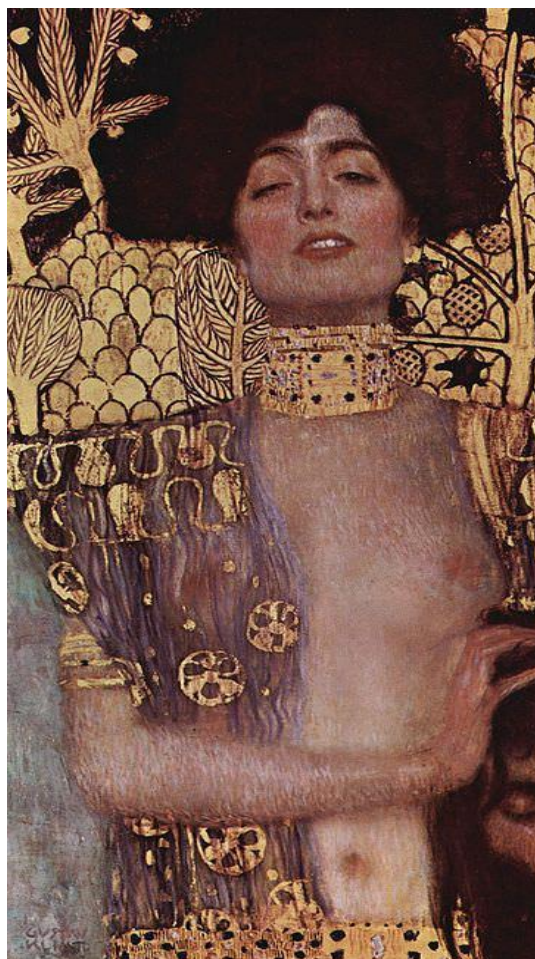
---

<sup>14</sup> Tradução da autora

<sup>15</sup> Tradução da autora

Ao pintar quadros como *Judith I*, Klimt traz de volta toda a sensualidade que lhe aprazia, assim como a união da sexualidade e da morte (Eros e Tânetos). Aqui, Judith, tal como em outras representações bíblicas, aparece com a cabeça de Holofernes em suas mãos. Entretanto, ela apresenta uma expressão quase de satisfação por ter conquistado seu intento e demonstra isso ao dirigir seu olhar àqueles que se atrevem a encará-la. O artista ainda lhe apresenta sob um fundo dourado e uma gargantilha (quase uma coleira) para mostrar o poder que ela detém, tanto sobre Holofernes quanto sobre o observador.

Partindo da ideia de Klimt almejar em seu trabalho retratar mulheres fortes e que desafiam aqueles que atravessam seu caminho, em *Soft to be Strong* é necessário uma abordagem diferente para ressaltar a liberdade almejada pelas personagens. Como mencionado anteriormente, a mulher negra é, muitas vezes, vista apenas como objeto de desejo. Ao utilizar da sensualidade para representá-la, eu estaria apenas ajudando a reforçar esta imagem. Por isso, ainda que as personagens estejam com seus corpos descobertos, eles não são o foco do desenho. Sua nudez representa a liberdade adquirida ao se encontrarem livres das normas que a sociedade impôs sobre seus corpos. Mesmo usando de diferentes abordagens para retratar mulheres, Klimt também procurava fazer uma crítica às “regras hipócritas da sociedade”. De acordo com Néret, o pintor



16. GUSTAV KLIMT. **Judith I**. Óleo sobre tela. 84 cm x 42 cm. 1901. Fonte: <https://www.gustav-klimt.com/Judith-I.jsp>

[..] parece estar tratando a sexualidade de uma maneira sugerida pela pesquisa de Freud sobre o inconsciente. Klimt se aventura [...] a apresentar a sexualidade como uma força libertadora, em contraste com o conhecimento científico e seu determinismo restritivo<sup>16</sup> (NÉRET, 2001, p. 26).

---

<sup>16</sup> Tradução da autora

Essas mulheres de olhares sedutores não eram as únicas que habitavam as obras de Klimt. Muitas vezes, ele mesclava a sensualidade delas com outras de expressões serenas, como visto em *Serpentes Aquáticas I*. A delicadeza dessas personagens é algo que se aproxima mais de *Soft to be Strong*. As expressões, principalmente os olhares, revelam alguém de natureza calma. Esse é o significado que tento trazer para o trabalho. Alguém que, mesmo depois de situações difíceis, consegue se manter tranquila e encontra sua paz. É importante ressaltar que, apesar de Klimt retratar essas mulheres serenas de olhos fechados, em *Soft to be Strong*, temos um significado distinto. As mulheres de Gustav não almejam cortar laços com o espectador, é quase como se estivessem tão perdidas em pensamentos que esquecem que existem outros ao seu redor. As mulheres negras que fugiram da cidade, estas têm plena consciência do que seus olhos fechados significam: é o corte que elas fizeram com sua vida anterior. Apesar da aparente tranquilidade e calma das cenas, alguns dos rostos mostram uma calma que nem sempre esteve ali. Outras, ainda mantêm o cenho franzido, mostrando a dificuldade em se desligar das preocupações que a afligiam anteriormente. Ao posá-las de frente para o espectador, mas com os olhos fechados, a mensagem que recebemos é que, mesmo tendo que encarar a pessoa que está do lado de fora da tela, ela decide romper toda e qualquer relação com ela, pois elas não mais fazem questão de manter contato com o mundo externo.



17. GUSTAV KLIMT. **Serpentes Aquáticas I**. Óleo sobre tela. 50 cm x 20 cm. 1904-1907. Fonte: <https://www.gustav-klimt.com/Serpents.jsp>

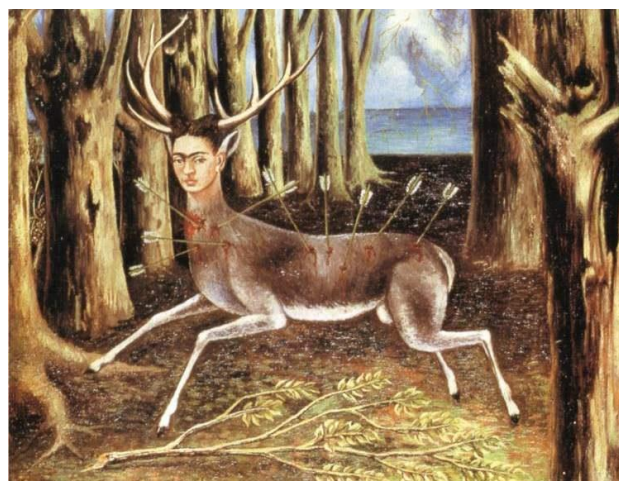
### 3.3 Frida Kahlo

Frida Kahlo teve uma vida marcada pela dor. Desde seu acidente, aos 18 anos, ela teve de achar meios para desvencilhar sua mente das constantes dores do corpo. Essa sua “fuga” se deu através da arte, sendo capaz de transmitir as diversas emoções que faziam parte de sua personalidade. Hayden Herrera conta que o quadro *O Cervo Ferido* de Frida é envolto em um sentimento de melancolia, onde:

Os enormes troncos de árvores, com madeira seca e rachada e galhos quebrados significam decadência e morte, e os nós e cutiladas no tronco ecoam as feridas no flanco do cervo. Sob seus cascos há um ramo fino e frondoso arrancado de uma árvore, símbolo da juventude interrompida do cervo (e da artista) (HERRERA, 2011, p. 432).

*Soft to be Strong* segue pelo mesmo caminho ao tentar colocar no papel aquilo que permeia minha própria mente, pintar um mundo ideal para fugir dos problemas enfrentados no “mundo real”. Mas, ao contrário de Frida, as personagens não são cercadas pela morte, mas pela vida. A água, os troncos que, apesar de cortados, ainda permanecem vivos sendo abrigo para as flores e plantas que crescem ao seu redor, e os animais, todos carregam um simbolismo de renovação, um novo começo.

No quadro de Kahlo, apesar do verde estar presente em algumas partes dele, o marrom e o ocre predominam na composição. Frida não fala da dor apenas através das flechas que atravessam o corpo do veado: ela emprega as cores mais sóbrias para revelar que a morte faz parte do cenário em que se encontra. Como mencionado anteriormente, ao utilizar a aquarela para pintar o fundo, a intenção é dar



18. FRIDA KAHLO. **O Cervo Ferido**. Óleo sobre tela. 30 cm x 22 cm. 1946. Fonte: <https://www.fridakahlo.org/the-wounded-deer.jsp>

destaque maior às figuras e aos objetos à sua volta, como os troncos. As personagens, por terem uma rigidez maior no tratamento e na pose e aplicação de tons mais escuros, como os marrons utilizados tanto para sua pele quanto para a pelagem dos animais, são cercadas por uma técnica de aquarela mais solta e aguada, não tendo uma definição exata, apenas a ideia de que se encontram em um lugar onde o verde predomina, fazendo referência às plantas que ali crescem.

Igualmente, a floresta ou bosque na qual as personagens de *Soft to be Strong* se encontram ganha uma nova roupagem, diferente daquela encontrada em contos de fadas. Em muitas histórias, a floresta é tida como um lugar sombrio, onde coisas misteriosas e perigosas acontecem, tais como em algumas histórias dos Irmãos

Grimm, no conto de fadas russo *Morozko*<sup>17</sup>, e até mesmo na literatura contemporânea *Harry Potter*. Porém, é com um novo significado que ela se faz presente aqui: é um lugar seguro, um refúgio para aqueles que a buscam e ela os acolhe em seu seio assim como aos animais que ali vivem.

## Considerações Finais

[...] O que você aprendeu com essa experiência?“ “Aprendi que você provavelmente foi a melhor proteção que eu terei na vida.” Ela perguntou: “E o que você aprendeu sobre si mesma?” Falei: “Aprendi que não tenho medo de trabalhar, basicamente isso.” Ela disse: “Não, você aprendeu que tem poder – poder e determinação. Eu te amo e tenho orgulho de você. Com essas duas coisas, você pode ir a qualquer lugar.” (ANGELOU, 2018, p. 54)

Durante toda minha vida ouvi de minha mãe e minhas tias que o estudo era importante. Era necessário terminar a escola, ingressar na faculdade, arranjar um bom emprego. O mesmo clichê que os jovens escutam de suas famílias. Apesar de seguir por esse caminho, houve alguns desvios. Larguei o curso de Administração que poderia me dar uma estabilidade profissional no futuro e fui fazer Artes Visuais. Ainda há inseguranças quanto ao caminho tomado, também há algumas certezas. O presente trabalho mostrou tanto um crescimento pessoal quanto artístico. Ao utilizar a arte para contar uma história, tento abrir um debate sobre mulheres negras e a forma como elas são retratadas, assim como mostrar o ponto de vista de alguém que pertence ao próprio trabalho. Durante sua jornada de construção ocorreram novos *insights*, novos questionamentos. Trazer autoras e artistas negras para o trabalho foi fundamental para que houvesse uma base para os argumentos e histórias compartilhadas. Da mesma forma, foi importante selecionar uma bibliografia cuja quase totalidade foi escrita por mulheres. Sobre as referenciais práticos, foi

---

<sup>17</sup> Era uma vez uma mulher que tinha duas filhas, uma filha sua a qual amava, e uma enteada, que detestava. Um dia, a mulher ordenou que seu marido levasse a enteada para o campo durante o inverno e a deixasse lá para morrer, e ele obedeceu. Morozko (o rei do inverno) a encontrou lá; ela foi educada e gentil com ele, então ele lhe deu um baú cheio de coisas bonitas e roupas finas. Depois de um tempo, a madrasta manda o pai buscar o corpo da enteada para ser enterrado, e ele obedece novamente. Mais tarde, o cachorro da família avisa que a menina está de volta, e ela está linda e feliz. Quando a madrasta vê o que a enteada traz para casa, ela manda que o marido leve sua filha para o campo também. Diferente de antes, a menina é rude com Morozko, e ele a congela até a morte. Quando o marido sai para buscá-la de volta, o cachorro da família diz que a jovem será enterrada. Quando o pai traz de volta o corpo, a mãe chora (tradução da autora).



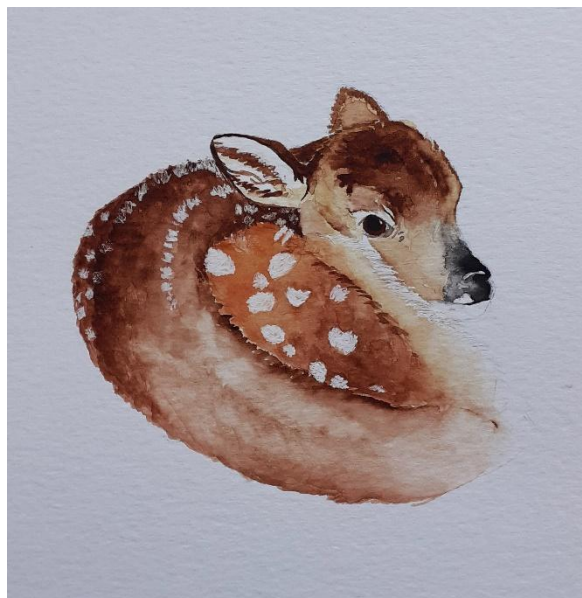
interessante apresentar como um tema em comum, tal como a nudez das mulheres de Klimt ou a floresta de Frida, pode ter tanto semelhanças quanto diferenças na forma de tratamento dos temas desenvolvidos em *Soft to be Strong*.

Um dos desafios enfrentado durante a produção deste trabalho foi lidar com a imprevisibilidade da aquarela. Como alguém que trabalha durante muito tempo em um mesmo desenho para que ele saia da melhor maneira possível, encarar uma técnica que não se pode prever completamente como ela se comportará, pode ser um pouco receoso. Há misturas que não reagem no tom esperado, pequenas “manchas” que a aquarela resulta e nem sempre são propositais, ou até mesmo necessidade de recomençar o trabalho do início, pois não há espaço para erros quando existe um propósito específico. Apesar disso, todo o processo foi um aprendizado em que precisei sair de minha zona de conforto (em alguns momentos), o exercício da paciência e, até mesmo, passar a admirar meu próprio trabalho.

19. PAULA FERNANDES. **Deer**. Aquarela.  
2019



20. PAULA FERNANDES. **Baby Deer**. Aquarela.  
2019



## Lista de Imagens

1. PAULA FERNANDES. *Woman with another Deer*. Aquarela sobre papel. 28,2 cm x 21 cm. 2019. Página 13.
2. PAULA FERNANDES. *Woman with Deer*. Aquarela sobre papel. 22 cm x 21 cm. 2019. Página 13.
3. PAULA FERNANDES. *Woman in the Water*. Aquarela sobre papel. 14,5 cm x 21 cm. 2019. Página 14.
4. PAULA FERNANDES. *Woman with Horse*. Aquarela sobre papel. 28,2 cm x 21 cm. 2019. Página 15.
5. PAULA FERNANDES. *Woman with Baby*. Aquarela sobre papel. 22 cm x 21 cm. 2019. Página 16.
6. PAULA FERNANDES. *Girl with Deer*. Aquarela sobre papel. 20,5 cm x 21 cm. 2019. Página 16.
7. PAULA FERNANDES. *Naked Woman*. Grafite sobre papel. 20 cm x 21 cm. 2019. Página 17.
8. PAULA FERNANDES. *Naked Woman*. Aquarela sobre papel. 20 cm x 21 cm. 2019. Página 17.
9. PAULA FERNANDES. *Woman*. Aquarela sobre papel. 22 cm x 21 cm. 2019. Página 20.
10. PAULA FERNANDES. *Soft to be Strong*. Livro. 32,5 cm x 25 cm. 2019. Página 22.
11. PAULA FERNANDES. *Soft to be Strong*. Detalhe. 32,5 cm x 25 cm. 2019. Página 22
12. PAULA FERNANDES. *Soft to be Strong*. Livro. 32,5 cm x 50 cm. 2019. Página 23
13. PAULA FERNANDES. *Soft to be Strong*. Livro. 32,5 cm x 50 cm. 2019. Página 23
14. PAULA FERNANDES. *Soft to be Strong*. Livro. 32,5 cm x 50 cm. 2019. Página 24
15. ROSANA PAULINO. Assentamento. Vídeo, madeira, paper clay, impressão digital sobre tecido, linóleo e costura. Dimensão Variável. 2013. Fonte: <http://www.rosanapaulino.com.br/> . Página 25.
16. GUSTAV KLIMT. *Judith I*. Óleo sobre tela. 84 cm x 42 cm. 1901. Fonte: <https://www.gustav-klimt.com/Judith-I.jsp>. Página 28.
17. GUSTAV KLIMT. *Serpentes Aquáticas I*. Ouro e aquarela sobre papel. 50 cm x 20 cm. 1904-1907. Fonte: <https://www.gustav-klimt.com/Serpents.jsp>. Página 29.

18. FRIDA KAHLO. O Cervo Ferido. Óleo sobre tela. 30cm x 22 cm. 1946. Fonte: <https://www.fridakahlo.org/the-wounded-deer.jsp>. Página 30.
19. PAULA FERNANDES. *Deer*. Aquarela sobre papel. 16 cm x 19 cm. 2019. Página 32.
20. PAULA FERNANDES. *Baby Deer*. Aquarela sobre papel. 16 cm x 15 cm. 2019. Página 32.

## Referências Bibliográficas

ANGELOU, Maya. **I know why the Caged Bird Sings**. Londres: Virago, 2010.

ANGELOU, Maya. **Mamãe&Eu&Mamãe**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

BAMONTE, J. L. B. **A identidade da Mulher Negra na Obra de Rosana Paulino: Considerações sobre o Retrato e a Formação da Arte Brasileira**. Florianópolis: 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2008.

BELL, hooks. **Olhares Negros: raça e representação** (1992). São Paulo: Editora Elefante, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. (1981). São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

EZAQUIEL, Michelle. Feminismo Negro: muito além da questão de gênero. **Projeto Colabora**, 2019. Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/ods5/feminismo-negro-muito-alem-da-questao-de-genero/>. Acesso em: 22 de set. de 2019.

HERRERA, Hayden. **Frida: A Biografia**. (1983). São Paulo: Editora Globo, 2011.

LEMOS, Amanda dos Santos. **Como a mulher negra é vista na cultura brasileira?**. Bahia: Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 2017. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO\\_EV072\\_MD1\\_SA24\\_ID975\\_20062017000621.pdf](https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA24_ID975_20062017000621.pdf). Acesso em: 24 ago. 2019.

LOPONTE, Luciana Grupelli. Sexualidades, artes Visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v 10 – n2, 283/300, julho/dezembro 2002.

MARQUES, Tatiana Lee; MYCZKOWSKI, Rafael Schultz. **Identidade Tecida: Rosana Paulino costurando os sentidos da mulher negra**. Revista Estúdio, Artistas sobre outras obras, Portugal, vol. 7, nº 13, pp. 95-103, set. 2016.

MASTROBERTI, Paula. **Metodologias para Produção, Leitura e Educação em Artes Gráficas e Sequenciais: Dilemas Interdisciplinares**. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL. **O Museu Sensível: uma visão da produção de artistas mulheres na coleção do MARGS**. Porto Alegre, 2014.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?**(1971). São Paulo: Editora Edições Aurora, 2016. Disponível em: <http://www.edicoesaurora.com/6-por-que-nao-houve-grandes-mulheres-artistas-linda-nochlin/>

PAULINO, Rosana. **Rosana Paulino**. [s.d.]. Página Projetos. Disponível em: <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/projetos/>. Acesso em: 15 de out. de 2019.

SILVEIRA, Paulo. **A Página Violada**: da ternura à injúria na construção do livro de artista. 2ª Edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra** – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. São Paulo: PUC – SP, 2008.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

NÉRET, Gilles. **Gustav Klimt**. Nova Iorque: Barnes & Nobles, 2001.